



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JULIANY CORREIA DE SOUZA

**IRMÃ NATUREZA E IRMÃO HUMANO: IMAGINAÇÃO E REALIDADE EM
FIGURAS DA AMIZADE NA OBRA “O MEU PÉ DE LARANJA LIMA”**

**CAMPINA GRANDE
2018**

JULIANY CORREIA DE SOUZA

**IRMÃ NATUREZA E IRMÃO HUMANO:
IMAGINAÇÃO E REALIDADE EM FIGURAS DA AMIZADE
NA OBRA “O MEU PÉ DE LARANJA LIMA”**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
habilitação em Língua Portuguesa,
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba –
Campus I, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
(UEPB)

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729i Souza, Juliany Correia de.
Irmã natureza e irmão humano [manuscrito] : imaginação e realidade em figuras da amizade na obra "O meu pé de laranja lima" / Juliany Correia de Souza. - 2018.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Uepb) , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Semântica discursiva. 2. Figura. 3. Imaginação. 4. Realidade. I. Título
21. ed. CDD 401.43

JULIANY CORREIA DE SOUZA


IRMÃ NATUREZA E IRMÃO HUMANO:
IMAGINAÇÃO E REALIDADE EM FIGURAS DA AMIZADE
NA OBRA "O MEU PÉ DE LARANJA LIMA"

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
habilitação em Língua Portuguesa,
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba –
Campus I, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Letras.

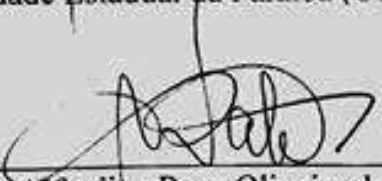
Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 26 / 11 / 2018 .

BANCA EXAMINADORA

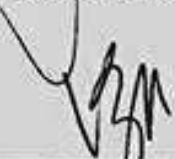


Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

9,0



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pai, guia, ajudador de todas as horas e provedor,
o tapeceiro por excelência da minha vida. E meus avós
maternos, que sempre me encorajaram, DEDICO.

Agradecimentos

A Deus, antes de tudo, pois Ele é o meu alicerce e fonte de toda ciência e sabedoria, aquele que me direcionou, fortaleceu e me fez florescer em meio árido.

A minha avó Eunice Alves da Silva, que me ensinou tantas coisas e fez-se presente nos momentos mais difíceis. Agradeço-lhe porque mesmo com suas limitações, nunca deixou de me incentivar.

A meu avô Lindazil Paulino Correia, por todo o auxílio e por sempre acreditar em mim.

A minha mãe Jailma Alves Correia, apesar da distância e dos desencontros, sou grata por todas as orações.

A meu pai Jorin Avelino de Souza, a quem nos últimos dias tenho me dedicado. Nunca esquecerei de sua presença constante e de todos os sacrifícios feitos por mim.

A minha tia Jailda Alves Correia, que nunca deixou de me animar e acolher nos dias difíceis. Meu coração te guarda com cuidado.

Ao meu irmão Júlio Cezar por todo o carinho e cumplicidade. Sempre serei grata por poder dividir os momentos bons e não tão bons contigo.

A Joelma, Joseilda e familiares em geral pelo apoio e estímulo frequente.

A minha amiga Hellen Juliane, por ter compartilhado tanto comigo e pela amizade forte e duradoura. Ela é desse tipo de gente que faz grande diferença ter por perto.

Ao meu grande amor e amigo Leonardo Gomes, por sempre me motivar e por ser um exemplo para mim. As coisas são mais lindas porque você está.

A Carlos Eduardo e Carlos Agra, os dois mestres que são minhas inspirações desde o Ensino Básico. Vocês acabaram com o meu medo de ser professora e eu sou extremamente feliz por isso.

A todos os professores do curso de Letras, habilitação em língua Portuguesa, por terem contribuído tanto para o meu crescimento e formação.

Ao querido professor Eli Brandão, meu orientador, pela solicitude, paciência, dedicação e ensinamentos que permitiram a realização deste trabalho.

As professoras Magliana Rodrigues e Iara Cavalcante, por me mostrarem quão humano deve ser o universo da docência.

Aos queridos professores Luciano Justino e Alfredina Rosa por aceitarem com carinho e atenção o convite para compor esta banca.

As minhas amigas de sala de aula Bianca, Paula, Thays, Andreia e Fátima, pelos saberes partilhados.

A Marileide Cabral, minha amiga-irmã, por me dar uma lição de companheirismo ao longo de todo o curso e por ter me ensinado na prática que a vida sem ternura não é lá grande coisa.

A Ana Flávia, minha dupla de estágio, de leituras e da vida, minha infinita gratidão por tudo que pude vivenciar ao seu lado. Com ela, aprendi que são tempos difíceis para os sonhadores, mas que a resistência pode tornar o nosso destino fabuloso.

A todos os estudantes que integram a Cru Campina, pela força, orações e por tornar a minha vida acadêmica mais relevante. Amo cada um e louvo ao supremo mestre de cerimônias por ter nos apresentado.

A amizade é tão desnecessária quanto a filosofia, a arte, o próprio universo (pois Deus não precisava criar). Ela não tem valor de sobrevivência; pelo contrário, é uma daquelas coisas que dá valor à sobrevivência.

(LEWIS, 2009, p. 100)

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	07
1. APARATOS TEÓRICOS.....	09
1.1 Noções sobre o interdiscurso.....	09
1.2 Percorso figurativo e temático.....	10
1.3 Considerações a respeito da imaginação criadora.....	14
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
3. DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	16
3.1 Breve apresentação da obra.....	16
3.2 “Um certo pé de laranja lima”: figuras da amizade no campo da imaginação.....	18
3.3 Irmandade inesperada: Manuel Valadares e a figurativização da amizade.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
ABSTRACT.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

IRMÃ NATUREZA E IRMÃO HUMANO:
IMAGINAÇÃO E REALIDADE EM FIGURAS DA AMIZADE
NA OBRA “O MEU PÉ DE LARANJA LIMA”

Juliany Correia de Souza
julianycorreia@hotmail.com
(Universidade Estadual da Paraíba)

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
elibrandao.uepb@gmail.com
(Universidade Estadual da Paraíba)

RESUMO

Essa pesquisa encontra-se pautada em analisar como se dá a relação de amizade do personagem principal da obra literária infanto juvenil “O meu pé de Laranja Lima” com duas figuras de destaque no livro. Especificamente, analisamos uma figura que representa a esfera da imaginação e outra que constitui a realidade. Nesse âmbito de investigação, o estudo em discussão tem o intuito geral de explorar a constituição do discurso do personagem principal ao estabelecer relações de amizade com o um pé de laranja lima e com um português que outrora foi seu inimigo. Estritamente, pretende-se investigar o texto e relacioná-lo aos estudos no campo da semântica discursiva (FIORIN, 2005), enfatizando o exame dos processos figurativos e temáticos presentes na obra. Para fundamentar esta proposta, será tomada por base a contribuição de autores como Ricoeur (2013) e Maingueneau (1997), com o objetivo de refletir algumas noções teóricas sobre interpretação e relacionadas ao interdiscurso, de Bakhtin ([1929] 2010) e Fiorin (2005) no que diz respeito à semântica discursiva. Sendo uma pesquisa do tipo bibliográfica, a análise do corpus expõe a figurativização que culmina no tema da amizade, esta, sendo perspectivada pelo âmbito imaginativo (como criativo e eco social) e o humano (como senso da realidade e da fraternidade). De forma geral, pode-se afirmar que há na obra um percurso figurativo que aponta para a temática da amizade, e este percurso tem duas figuras principais: um pé de laranja lima e um homem.

Palavras-chave: Figuras; imaginação; realidade; semântica discursiva.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

José Mauro de Vasconcelos nasceu em 26 de fevereiro de 1920, em Bangu, no Rio de Janeiro. O espírito aventureiro aliado ao hábito de escrever, ao cinema, ao teatro e às artes plásticas, permitiu uma experiência carregada de memória e imaginação. Além disso, a enorme facilidade de contar histórias resultou em uma obra literária rica e reconhecida internacionalmente, que inclui vinte e um livros, entre romances e contos, publicados na Europa, Estados Unidos, América Latina e Japão. O convívio com os índios e as atividades ao lado de sertanistas e indigenistas brasileiros influenciou muito a sua obra, mas a que alcançou

maior sucesso foi o romance intitulado “O meu pé de laranja lima”, tendo vendido mais de meio milhão de exemplares. A inspiração autobiográfica permeia várias de suas obras, além de também ter escrito livros centrados em dramas existenciais e em questões humanísticas. *

O autor obteve grande sucesso comercial, mas não teve tanto êxito na academia. No âmbito acadêmico é pouco estudado em relação a outros nomes de sua época, mas ele continua sendo lido no Brasil e no exterior. Tendo em vista este fato, consideramos pertinente o estudo de sua obra “O meu pé de laranja lima”, a mais conhecida, sob o amparo teórico da semântica discursiva, já que na academia há certa escassez de trabalhos sobre a referida obra e os poucos estudos encontrados focam na questão social e na comparação com a versão cinematográfica.

O livro tem no seu cerne o mundo da imaginação criadora, surreal sem deixar de apresentar as alegrias e agruras da realidade. Nesse sentido, são expressas relações de amizade tanto com representantes da imaginação, quanto da realidade.

O problema que identificamos baseia-se no questionamento de como o percurso figurativo aparece na obra relacionado ao tema da amizade no campo real e da imaginação, assim, é pertinente observar como o personagem principal, Zezé, estabelece relações de amizade, no âmbito da imaginação criadora, representada pela figura do pé de laranja lima e no âmbito real, representada pelo português Manuel Valadares.

De forma mais precisa, buscamos identificar trechos na obra que explicitem os diálogos de Zezé com as figuras supracitadas, como também analisar, através das relações interdiscursivas, como o discurso do personagem expõe a sua relação com esses representantes. Para isso, a estrutura deste trabalho compreende três tópicos teóricos, sendo o primeiro relacionado às noções sobre o interdiscurso, o segundo sobre figuras e temas e o terceiro com contribuições a respeito da imaginação criadora; em uma parte de procedimentos metodológicos; em três partes de análise do *corpus*, a primeira com uma breve apresentação da obra, uma destacando o campo da imaginação e outra com foco na realidade e, por fim, uma parte de considerações finais e referências.

Para tais apontamentos, utilizamos referenciais como Maingueneau (1997) com o intuito de teorizar sobre a semântica discursiva, assim como Fiorin (2005), no que diz respeito ao esclarecimento do plano discursivo baseado em figuras e temas. Esta pesquisa possibilitará uma compreensão mais profunda da relação de amizade evidente nos trechos analisados que são significativos para o entendimento da obra como um todo.

* Informações disponíveis em nota anexa no livro analisado.

1. APARATOS TEÓRICOS

1.1 Noções sobre o interdiscurso

Ao lançarmos um olhar para a concepção de linguagem defendida por Bakhtin ([1929] 2010), vemos que a linguagem pela enunciação é remetida a um sujeito, sendo puramente subjetiva. O que eu digo mostra o “eu”, refletindo quem eu sou, o que eu penso e o que eu acredito, dessa forma, o signo é ideológico, carregado de sentidos que dizem respeito a uma posição social, histórica e cultural. É importante ressaltar que a enunciação nunca se repete, ao contrário do enunciado, isso se explica porque o que já foi dito pode ser dito novamente, mas nunca da mesma forma, isto é, do ponto de vista de Bakhtin e Volochínov (1992), não há um discurso Adâmico. Bakhtin privilegia a enunciação ao afirmar que em cada ato de enunciação se realiza a intersubjetividade humana, considerando o outro como fundamental no diálogo. Assim, o discurso é composto pelo “eu” mais uma pluralidade de vozes do discurso de outro, o sujeito polifônico é heterogêneo, se instaura a partir da interação verbal com o interlocutor e inclui várias vozes presentes na sociedade.

Na teoria bakhtiniana, a ideia de dialogismo está ligada à própria concepção de língua como interação verbal. Podemos compreender melhor quando pensamos que se toda palavra se dirige a alguém, temos o mínimo de dois interlocutores, além disso, todos os enunciados vêm de outros, nunca é novo. Dessa forma, o ponto chave para compreensão do dialogismo está em entender que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém.

Nessa linha de pensamento, percebemos a ideologia do discurso a partir do momento que entendemos o fato de que a linguagem, do ponto de vista dialógico, não pode ser estudada à parte da sociedade. O enunciado instaura-se de forma diferente em cada interação e traz consigo características de cada situação de enunciação que é produzido e circula.

Considerando estas relações do sujeito discursivo, nos convém destacar os conceitos de interdiscursividade e de intertextualidade em Bakhtin. Não encontramos o termo interdiscurso na obra bakhtiniana, mas ele aparece sob outras nomenclaturas de vieses específicos, como polifonia, dialogismo, heterogeneidade e intertextualidade, que foi um dos primeiros a ganhar destaque e conquistou cidadania acadêmica antes mesmo do termo dialogismo na pesquisa linguística e literária.

A noção de interdiscurso em Maingueneau pode ser considerada como análoga ao conceito de Dialogismo em Bakhtin, estando este termo diretamente ligado ao modo de funcionamento real da linguagem e à composição do discurso. Assim, o dialogismo não se

confunde com a interação face a face (entre interlocutores), pois trata-se sempre da relação entre os discursos. O filósofo não nega a existência do sistema da língua, tampouco condena o seu estudo, mas considera-o insuficiente no que diz respeito ao modo de funcionamento real da linguagem, o que revela a necessidade de examinar as relações dialógicas entre os enunciados (translinguística).

Primordialmente, os enunciados sempre revelam posição de autoria, além de ter sempre um destinatário, não sendo, portanto, neutros. Observamos assim, que o conceito de enunciado recupera o que chamamos de discurso, assumindo sempre a dimensão dupla eu-outro.

Distinguir os conceitos de texto, enunciado e discurso na obra de Bakhtin tem uma certa complexidade, visto que em alguns momentos se equivalem e em outros se diferenciam. Vemos que o texto é tratado como uma unidade de manifestação, seja do pensamento, da emoção, sentido ou significado. Podemos distinguir texto e enunciado à medida que entendemos este como manifestação daquele, ou seja, sendo o enunciado da ordem do sentido e o texto do domínio da manifestação. Bakhtin ainda diferencia enunciado e discurso, afirmando que no discurso se apagam os limites dialógicos do enunciado.

Com base nessas diferenças, também é possível diferenciar interdiscursividade e intertextualidade, sendo a interdiscursividade qualquer relação dialógica entre enunciados e a intertextualidade um tipo particular de interdiscursividade, na qual a relação discursiva é materializada em textos.

1.2 Percurso figurativo e temático

Ainda sob a ótica de Bakhtin, a obra literária não é apenas reflexo do real vivido nem dos textos e discursos convocados, visto que um discurso sempre convoca outros discursos, o que culmina no complexo dialógico de várias vozes. Nesse sentido, percebemos o caráter dialógico e pluridiscursivo do texto literário, isto é, o fato da literatura conceber uma forma específica do real vivido, possibilitando a refiguração do mundo do leitor (RICOEUR, 1989).

Para Ricoeur (1989, p.115)., “a obra literária é resultado de um trabalho que organiza a linguagem” Assim, a hermenêutica abre uma nova época ligada ao sucesso da análise estrutural, o que nos leva a buscar a explicação como caminho para a compreensão. Com a discussão a respeito da explicação e compreensão, o autor objetiva expor a sua teoria da interpretação com uma análise da escrita, considerando o texto enquanto obra do discurso.

Diante disso, Ricoeur (1995 p. 84) afirma que explicamos alguma coisa a alguém até que este alguém possa compreender e explicar a um terceiro, assim, a explicação e a compreensão se sobrepõem e transitam uma para a outra. Especificamente, na explicação ocorre o desdobramento das proposições e significados, enquanto na compreensão assimilamos como um todo a cadeia dos sentidos parciais num ato de síntese.

Do ponto de vista de Fiorin (2005), quando se trata de interpretação de textos, é necessário mais que o cultivo da sensibilidade. Ele enfatiza que o texto pode ser abordado de dois pontos de vista que se complementam: a análise dos mecanismos sintáticos e semânticos que produzem sentido e a análise do discurso como objeto cultural, em relação dialógica com outros discursos. Com foco na apresentação de alguns elementos da gramática do discurso, o autor explicita os mecanismos de estruturação e interpretação de textos.

Normalmente, a Semântica se define apenas como o estudo do significado, no entanto, esse conceito é insuficiente para sabermos a que ela se aplica. Inicialmente, a palavra Semântica foi utilizada para referir-se ao estudo da mudança de sentido das palavras e posteriormente para analisar campos conceituais, isto é, campos semânticos cuja unidade de base são as palavras. Com o surgimento da Semântica Estrutural, buscou-se estudar as palavras com o fundamento do paralelismo do plano de expressão e do plano de conteúdo, o que acabou sendo um projeto sem sucesso. Assim, a busca se volta para a análise de unidades maiores do que a palavra.

Nesse sentido, Greimas (1973) toma o texto como unidade de análise, considerando a semântica como gerativa, sintagmática e geral. Gerativa porque deve proporcionar a percepção de diferentes elementos no nível de superfície que podem significar a mesma coisa em um nível mais profundo; sintagmática porque deve explicar a produção e a interpretação do discurso e geral porque deve partir da unicidade de sentido manifesta em diferentes planos de expressão.

O percurso gerativo de sentido aponta que a significação está na essência do texto, constituindo um meio de explicar o processo de entendimento que o leitor precisa fazer a partir de abstrações da superfície do texto para então entendê-lo. O percurso representa uma construção teórica ideal que indica três níveis: o fundamental, narrativo e discursivo.

Segundo Fiorin (2005), o nível fundamental contém categorias semânticas que alicerçam a construção do texto, estabelecendo relações de diferença, oposição. É sobre um traço em comum entre esses termos que se estabelece uma diferença, mantendo entre si uma relação de contrariedade (vida e morte, amor e ódio, por exemplo).

O nível narrativo é formado por uma sintaxe e uma semântica narrativa, dispostas sob o ponto de vista de um sujeito, o que propõe a sucessão, o encadeamento e a transformação de estados. A sintaxe narrativa analisa a ação dos indivíduos no mundo e a semântica narrativa volta-se para a analogia entre valores virtuais estruturados no nível fundamental. As narrativas complexas ainda se estruturam numa sequência canônica de quatro fases: manipulação, na qual um sujeito age sobre outro induzindo-o a fazer alguma coisa; competência, na qual o sujeito responsável pela transformação central da narrativa é favorecido de um saber e/ou poder fazer; performance, onde acontece a transformação central da narrativa e, por fim, sanção, onde ocorre a constatação de que a performance se realizou.

Já no nível discursivo, “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN 2005, p. 41). Neste nível, são expostas as ações dos personagens (sintaxe) e a individualização deles (semântica), se apresentando como uma estrutura de manifestação que produz e organiza os significantes.

O sentido do texto não se reduz ao sentido da soma das palavras que o formam, nem dos enunciados que o compõem, mas é proveniente da junção dos elementos que o formam, apontando para uma sintaxe e uma semântica do discurso. Dessa forma, a manifestação é a união de um plano de conteúdo com um plano de expressão, “quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto [...]” (FIORIN 2005, p. 45), já o discurso é uma unidade do plano de conteúdo, na qual formas abstratas são revestidas de concretude. Portanto, temos o texto quando o discurso é manifesto por um plano de expressão qualquer.

É no nível discursivo onde se constrói os percursos figurativos e temáticos que concretizam os esquemas narrativos abstratos. Dessa forma, a tematização e figurativização são níveis que concretizam o sentido no texto e todos os textos tematizam o nível narrativo, que depois poderá ou não ser figurativizado. À priori, a oposição entre figura e tema diz respeito à oposição abstrato/concreto, todavia, esses termos não se opõem absolutamente, mas progressivamente partem do abstrato para o concreto.

A *figura* refere-se a algo existente no mundo natural existente e construído, já o *tema* é um investimento semântico de natureza conceitual, são categorias que organizam, categorizam, ordenam elementos do mundo natural. De acordo com Fiorin (2005 p. 91):

“Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significativa, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo.”

Os textos nunca são exclusivamente figurativos e temáticos, mas predominantemente, assim, geralmente, aparecem algumas figuras nos textos temáticos ou alguns temas nos textos figurativos. Por isso, a classificação se dá pela dominância e não pela exclusividade de elementos abstratos ou concretos.

Ao analisarmos um texto, não podemos buscar o tema em uma figura isolada, pois, é preciso observarmos a relação que as figuras estabelecem entre si, já que o que nos interessa é o encadeamento de figuras, isto é, uma rede relacional que Fiorin (2005, p. 97) chama de tecido figurativo ou percurso figurativo. Para o autor, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que está implícito a ele.

O que entendemos por percurso temático é o encadeamento de temas, que devem manter uma harmonia interna assim como os percursos figurativos, a não ser que a quebra de coerência seja proposital com o objetivo de transmitir determinados conteúdos. Também não nos interessa, na análise de um texto, um tema isolado. Para descobrir o tema que dá sentido às figuras, é necessário assimilar os percursos figurativos ou temáticos.

Para garantir a coerência semântica de um texto, de forma que haja sentido na construção dos percursos temáticos e figurativos, é necessário um elemento chamado de isotopia. O termo isotopia refere-se a “o que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade de reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso” (FIORIN, 2005, p. 112).

É importante ressaltar que a isotopia nos oferece um plano de leitura de determinado texto, e por isso é tão importante para a Análise do Discurso, porque controla a interpretação de textos com mais de uma significação e define os mecanismos de construção de certos tipos de discursos. Ainda podemos destacar que em textos mais complexos podem ocorrer variações isotópicas, com duas ou mais isotopias e até mesmo superposição de isotopias.

Maingueneau (1997) entende o processo interdiscursivo como uma encruzilhada de trocas enunciativas, pelo fato de o texto ser um objeto discursivo que se manifesta de forma que conecta o linguístico com o extralinguístico, possibilitando o entendimento da relação entre sujeito e sociedade. Nesse sentido, a semântica do discurso, através do percurso temático e figurativo, torna-se um caminho viável para a análise de um assunto recorrente na obra “O meu pé de laranja lima” (a amizade), visto que o processo interdiscursivo ocorre quando se incorporam estes percursos de um discurso em outro.

1.3 Considerações a respeito da imaginação criadora

A imaginação criadora permeia toda a obra que é objeto de nossa análise, por isso, é necessário entendermos como se dá este processo de criação do ponto de vista de alguns psicólogos, considerando suas contribuições no que diz respeito às questões associadas ao desenvolvimento humano.

Santos (2009) mostra que a perspectiva vygostikyana é que a soma de duas imagens constitui a imaginação, sendo estas imagens a pregressa e a atual. A imagem pregressa seria formada por fragmentos da memória materializados na imitação e a imagem atual seria configurada pela vivência do sujeito no momento em que reconstrói esta imagem. A soma de ambas seria uma nova imagem, o que chamamos de imaginação.

No âmbito da velha psicologia, os teóricos dividiram a imaginação em duas categorias: reprodutora e criadora. A primeira relaciona-se diretamente à memória e a segunda está ligada ao surgimento de novas imagens criativas. Já sob a ótica psicanalítica, a imaginação é primária, pois está presente desde o início na consciência infantil. Essa perspectiva entende a criança como um ser emancipado da realidade, submerso no prazer e cuja consciência não busca primordialmente refletir a realidade, mas atender aos desejos e tendências sensoriais.

Vygotsky (1998) ainda observa que para a epistemologia genética há formas transitórias entre imaginação e pensamento realista, o que é observável, por exemplo, no egocentrismo infantil, considerando que o egocentrismo é o estado de consciência no qual não se conhece outra realidade a não ser a de si próprio. Para ele, a psicanálise e a epistemologia genética não consideram que a imaginação seja uma atividade que proporciona a construção do conhecimento e transformação da realidade, tendo em vista que se trata de uma função psíquica não social de caráter não comunicável. Santos (2009 p. 162) destaca que:

Para Vygotsky (1998), a imaginação – que caracteriza uma função superior – depende da experiência que, na criança, vai se acumulando e aumentando paulatinamente, com peculiaridades que a diferenciam da experiência dos adultos. A própria experiência com o meio ambiente, com sua complexidade, com suas (con) tradições e influências, estimula o processo criativo, visto que a atividade criadora se encontra intimamente relacionada com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, no interior das suas interações com o mundo.

Nesta perspectiva, denominada sócio-histórico-cultural, a função imaginativa se adapta às condições racionais e auxilia o processo de criação do humano, que consiste em fazer algo novo a partir das experiências, fantasias, construções do cérebro ou sentimentos que se manifestam apenas no homem. Dessa forma, esse processo acompanha natural e permanentemente o desenvolvimento humano.

A imaginação criadora não é sinônimo de memória, mas as novas imagens surgem das impressões já vivenciadas. Entendendo como progressiva a capacidade de criar e sua contribuição para o desenvolvimento humano, é possível encontrar nas crianças processos criadores expressos nos jogos e brincadeiras (SANTOS, 2009, p. 164).

Nesse sentido, é pertinente mencionarmos uma pesquisa realizada pelo artista plástico e educador Gandhi Piorski em 2014. O pesquisador utilizou sucatas industriais em um galpão e após 40 dias observou que as crianças criaram cerca de 1700 brinquedos, o que contraria a ideia de que longe da natureza a criatividade fica restrita.

Conforme afirma na entrevista concedida ao jornal Nexo, as crianças com menos recursos e mais ligadas ao meio natural têm um elemento anímico maior, porém, o artista questionou se na esfera urbana esta capacidade não existiria ou existiria em um nível bem menor. Sua pesquisa comprovou que o que precisamos é de um espaço para que esta capacidade venha à tona.

De acordo com o que foi observado, percebe-se que os brinquedos criados representam algumas ideias relacionadas à infância, além de materializar de alguma forma como a sociedade vê a criança e como a criança a vê. Essas ideias culminam em narrativas ricas, como afirma Piorski (2006):

Nos primeiros 20 a 30 minutos elas não sabiam para onde ir. Mas a inquietação passava, e de repente se abria um campo de experimentação riquíssimo. Elas iam fixando os objetos com linhas. Surgiu uma rica narrativa sobre a mulher, o feminino, a urbanidade, a violência, a relação delas com a família e com a tecnologia.

Desta maneira, compreendemos que a imaginação criadora está intrinsecamente ligada com a experiência do homem e sua relação com o meio em que vive. Sua realidade social, sua história e cultura moldam de alguma forma a sua capacidade de criar. Vasconcelos (2012) nos dá vários exemplos de como a imaginação criadora se manifesta nas atitudes e criações de Zezé. Os brinquedos criados pelo personagem por causa da falta de dinheiro para comprar evidencia sua condição social, os brinquedos criados para realizar brincadeiras de mau gosto com a vizinhança reforça a percepção negativa que Zezé tem de si mesmo e a reprovação de seus vizinhos, assim como os brinquedos imaginários apontam a passagem para uma vivência mais leve, um tipo de fuga da realidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Existem vários tipos de conhecimentos, dentre eles o filosófico, religioso, artístico, técnico e também o senso comum. No que diz respeito ao conhecimento científico, há uma

necessidade de buscar respostas de modo mais objetivo, isto é, de maneira criteriosa, sistemática e racional. Dessa forma, a pesquisa constitui-se sob exigências científicas que propõem critérios como a existência de uma pergunta que evidencie o problema, e o estabelecimento de métodos que contribuam para que se chegue a uma resposta confiável.

Buscando construir um estudo baseado nestas exigências, realizamos uma pesquisa bibliográfica, tomando textos como fontes do tema a ser pesquisado. De acordo com Severino (2007, p. 122), este tipo de pesquisa se caracteriza por se realizar “a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros artigos, teses, etc”.

Assim, a pesquisa se configura como bibliográfica de natureza qualitativa, desenvolvida a partir da teoria da interdiscursividade, estudada em Maingueneau (1997), Fiorin (2005) e Bakhtin ([1929] 2010), de uma hermenêutica literária proveniente de Paul Ricoeur, de noções sobre a imaginação criadora de acordo com Santos (2009) e a partir das contribuições de autores que apresentam as obras de José Mauro de Vasconcelos. Com este suporte, os trechos selecionados para análise são aqueles que trazem explícita ou implicitamente a temática da amizade sendo representada de forma real e no campo da imaginação.

As etapas da pesquisa foram as seguintes:

- Seleção dos trechos relacionados ao tema da amizade;
- Leitura dos textos de apoio teórico e metodológico;
- Considerações sobre o interdiscurso e a respeito da semântica discursiva;
- Considerações a respeito da imaginação criadora;
- Análise das figuras da amizade no campo da imaginação e da realidade.

As análises dos trechos serão realizadas de modo que o nosso foco será expor de que forma o tema da amizade é evidenciado na imaginação, sendo o representante o “pé de laranja lima” e de que forma este mesmo tema é representado na realidade pela figura do português Manuel Valadares.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE

3.1 Breve apresentação da obra

“O meu pé de laranja lima” é uma das obras de maior sucesso do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos. O livro foi publicado em 1968 e adaptado para o cinema,

televisão e teatro, além de também ter sido publicado em vários países. A primeira adaptação para o cinema foi em 1970 e só em 2012 uma nova versão cinematográfica foi produzida.

O livro conta a história de Zezé, uma criança de cinco anos, precoce na inteligência e no sofrimento. Em sua imaginação, o menino tem um passarinho interior, um amigo morcego e um zoológico no fundo do quintal, o que nos mostra sua criatividade para superar a realidade, mas é muito levado e por isso apanha com frequência, principalmente de seu pai, cuja intolerância é agravada pelo fato de ele estar desempregado e a família estar passando por dificuldades financeiras, além disso, toda a vizinhança diz que ele tem o diabo no corpo por causa de suas traquinagens.

Quando se muda para uma nova casa, o mundo de Zezé ganha ainda mais cor, pois ele cria laços com um pé de laranja lima plantado no quintal. Minguinho, como o chama, é inteligente, conversa com ele e seus galhos são macios para brincar de cavalinho. Em uma de suas travessuras, o garoto acaba se cortando e, para não apanhar, vai para a escola mesmo machucado. Durante o percurso, encontra o português Manuel Valadares, um velho inimigo que havia puxado suas orelhas quando ele havia tentado morcegar o seu carro.

O português leva Zezé até a escola e a partir desse dia os dois se tornam amigos, são vários encontros na padaria e na casa do Portuga - como ele prefere chamar. A amizade entre eles é marcada por um sentimento paterno que Zezé não encontra no seu pai. Tudo vai bem entre os novos velhos amigos, até que o garotinho recebe uma notícia que o faz entorpecer de tristeza: o carro do Portuga colidiu com um trem, o Mangaratiba matou seu amigo. Como se não bastasse, quando finalmente o seu pai volta a ter um emprego, ele também perde Minguinho, é atropelado duplamente pela perda e pela saudade.

A obra retrata, sob a ótica pura de uma criança, a realidade da pobreza e a dor da perda. Além disso, tem no seu âmago a relação entre a imaginação e o real. No que diz respeito ao tema da amizade, que é bastante recorrente ao longo das páginas, percebemos que várias figuras aparecem como sendo representantes desta temática, a exemplo do morcego Luciano, o passarinho interior que canta para Zezé e até mesmo os animais do jardim zoológico que ele imagina ter no quintal, mas a principal figura é o pé de laranja lima que dá nome ao livro. Minguinho é a figura central da amizade no âmbito da imaginação, pois é o personagem com quem ele se relaciona com mais frequência e divide suas alegrias e tristezas.

As figuras textuais que remetem ao mundo real, fazem referência a este mesmo tema, a exemplo dos irmãos mais chegados, Luís e Glória, de quem o menino recebe mais afeto. Ainda podemos destacar a figura de seu Ariovaldo, com quem Zezé trabalhou vendendo

folhetins e D. Cecília Paim, sua professora. Neste âmbito, a figura central é a do Português Manuel Valadares, é com o “Portuga” que Zezé constrói uma amizade forte e um vínculo que é interrompido bruscamente. Assim, a amizade como tema, transita entre natureza e racionalidade, se revela nas coisas (do mundo natural) e no homem (do mundo humano).

Dessa forma, é possível perceber que o discurso de Zezé ao longo da obra reflete a sua subjetividade, o que ele pensa e acredita, sendo carregado de sentidos que apontam para uma posição social, histórica e cultural. Do ponto de vista bakhtiniano, o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais em uma determinada esfera da atuação humana e na relação com o outro, nesse caso, a relação eu-outro do personagem com o pé de laranja lima e com o português revela a construção de uma amizade por meio dos discursos expressos.

Ainda sob a ótica do filósofo, o discurso literário é um diálogo de várias escrituras, o que nos permite, em determinado momento desta análise, recorrer ao discurso bíblico, entendendo como um discurso se cruza com outros discursos, e ainda, como um enunciado é repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados. Dito isto, pode-se compreender certa interdiscursividade, expressa nas relações dialógicas entre enunciados, mas não no próprio texto. Assim, considerando que a interdiscursividade não pressupõe sempre uma intertextualidade, percebemos que não há no nosso objeto de análise uma intertextualidade, pelo fato de que esta se refere aos casos em que a relação discursiva é materializada em textos.

3.2 “Um certo pé de laranja lima”: figuras da amizade no campo da imaginação

Como afirma Fiorin (2005), não podemos buscar no texto um tema em uma figura isolada, mas buscar entender o encadeamento de figuras que culmina em determinado tema. Deste modo, o pé de laranja lima não é uma figura isolada da amizade no campo da imaginação, mas sim o principal representante de um percurso figurativo ligado à esta temática. O fragmento a seguir foi retirado do capítulo dois, intitulado “um certo pé de laranja lima”, inclusive, este é o momento em que Zezé “conhece” Minguinho. No intuito de distinguir a voz que ouve, o personagem até menciona o seu passarinho interior, outra figura já mencionada que se encaixa no encadeamento de figuras que aponta para o tema em questão. Vejamos:

Cavouquei o chão com um pauzinho e começava a parar de fungar. Uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração.
 — Eu acho que sua irmã tem toda a razão.
 — Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.

— Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo. Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala.

— Mas você fala mesmo? — Não está me ouvindo? E deu uma risada baixinha. Quase saiu aos berros pelo quintal. Mas a curiosidade me prendia ali.

— Por onde você fala? — Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.

Fiquei meio indeciso, mas vendo o seu tamanho, perdi o medo. Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...

— Viu? — Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala? — Não. Só você.

— Verdade? — Posso jurar. Uma fada me disse que quando um menino igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz.

— E você vai esperar? — O quê? — Até eu me mudar. Vai demorar mais de uma semana. Será que você não vai se esquecer de falar nesse tempo? — Nunca mais. Isto é, para você só. Você quer ver como eu sou macio? — Como é que...

— Monte no meu galho.

Obedeci.

— Agora, dê um balancinho e feche os olhos.

Fiz o que mandou.

— Que tal? Você alguma vez na vida teve cavalinho melhor? — Nunca. É uma delícia. Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para meu irmão menor. Você vai gostar muito dele, sabe? Desci adorando o meu pé de Laranja Lima.

— Olhe, eu vou fazer uma coisa. Sempre quando puder, antes de mudar, eu venho dar uma palavrinha com você... Agora preciso ir, já estão de saída lá na frente.

— Mas, amigo não se despede assim.

— Psiu! Lá vem ela.

Glória chegou mesmo na hora em que eu o abraçava.

— Adeus, amigo. Você é a coisa mais linda do mundo! (VASCONCELOS, 2012, p. 32)

Inicialmente, o personagem não gosta da ideia de ter ficado com a menor árvore, a que “sobrou” da escolha de seus irmãos. Por isso, começa a fungar e cavar o chão do quintal, até que tem o primeiro contato com Minguinho. Neste primeiro momento, é perceptível um estranhamento da ideia de uma árvore falar, apesar de “conversar com tudo”, Zezé atribuía a fala ao seu passarinho interior.

Na sua imaginação, o personagem diferenciava a voz do passarinho e a voz “de verdade” do pé de laranja lima. Nesse sentido, o texto se desdobra mostrando uma personificação da árvore, além da própria fala, isso fica claro quando Zezé ouve seu coração bater e se despede com um abraço do mais novo amigo.

Ainda podemos perceber no trecho acima a ideia de exclusividade expressa, pois o personagem é o único que pode ouvir a árvore, a ligação existe apenas entre Zezé e Minguinho. Sobre este vínculo entre ser humano e natureza, o filósofo Leonardo Boff afirma que “A razão sozinha não dá conta de nossos problemas fundamentais, porque ela apenas vê,

analisa e calcula. Será o coração que nos moverá para o cuidado, o respeito e o amor à Mãe Terra” (Boff, 2015).

A leitura do livro nos permite ver claramente que a razão não resolve os problemas enfrentados pela criança, dessa forma, o personagem encontra no pé de laranja lima um refúgio, não apenas cuidando e respeitando este representante da natureza, mas também estabelecendo uma relação de irmandade no campo da imaginação, sendo movido pelo coração. Sob a ótica de Boff (2015), agir com um coração que ama nos permite a identificação com o outro e o cultivo da compaixão e cuidado para com todas as coisas.

No trecho a seguir, percebemos mais um momento importante partilhado entre os amigos. Zezé vai até Minguinho para soltar o seu passarinho interior:

— Xururuca, vim fazer uma coisa.
 — O que é? — Vamos esperar um pouco? — Vamos. Sentei e encostei minha cabeça no seu tronquinho.
 — Que é que nós vamos esperar, Zezé? — Que passe uma nuvem bem bonita no céu.
 — Pra quê? — Vou soltar o meu passarinho. Vou, sim. Não preciso mais dele...
 Ficamos olhando o céu.
 — É aquela, Minguinho? A nuvem vinha andando devagar, bem grande, como se fosse uma folha branca toda recortada.
 — É aquela, Minguinho.
 Levantei emocionado e abri a camisa. Senti que ele ia saindo do meu peito magro.
 — Voa, meu passarinho. Bem alto. Vá subindo e pouse no dedo de Deus. Deus vai levar você para outro menininho e você vai cantar bonito como sempre cantou para mim.
 Adeus, meu passarinho lindo! Senti um vazio por dentro que não acabava mais.
 — Olhe, Zezé. Ele pousou no dedo da nuvem.
 — Eu vi.
 Encostei minha cabeça no coração de Minguinho e fiquei olhando a nuvem ir-se embora. (VASCONCELOS, 2012, p.66)

O destaque aqui é para as expressões ligadas à figura da árvore. O nome “Xururuca”, revela o carinho que o personagem sente por ela, conforme lemos: “Minguinho ficava muito feliz quando eu o tratava de Xururuca; nesse momento ele sabia que eu lhe queria mais bem ainda” (VASCONCELOS, 2012 p. 99). O termo no diminutivo “tronquinho” também expõe a delicadeza com que Minguinho é tratado por Zezé.

Ainda neste trecho, é possível notar um sentimento de necessidade chegando ao fim, nesse caso, Zezé tem a noção de que já não precisa de seu passarinho e que ele irá cantar para outra criança. Ao mesmo tempo, o vínculo com Xururuca permanece e opera como conforto para o menino. Partindo disso, é possível fazer uma relação com o que Boff (2015) fala a respeito de São Francisco: “Francisco punha coração em todas as coisas, por isso as amava e sentia-se unido a elas como membros de uma grande família terrenal e cósmica.” Com o

coração no passarinho, o personagem por um momento se sente vazio em sua ausência, e com o coração em Minguinho, ele se sente confortado por sua presença.

Destarte, a figura do passarinho mostra uma amizade periódica, uma amizade que Zezé precisaria ter até certo ponto de sua infância, enquanto a figura do pé de laranja lima realça a amizade que persiste. Entendemos assim, que o fragmento citado, como objeto discursivo, atua manifestando a conexão estabelecida entre sujeito e natureza no campo da imaginação, o que reforça a perspectiva sócio-histórico-cultural da função imaginativa: há uma adequação às condições racionais e um auxílio no processo de criação do humano, que implica em fazer algo novo partindo das experiências, fantasias, construções do cérebro ou sentimentos que se manifestam apenas no homem

3.3 Irmandade inesperada: Manuel Valadares e a figurativização da amizade

Já mencionamos que na obra, objeto de nossa análise, há também um percurso figurativo com representações do mundo humano que apontam para o tema da amizade. Conforme supracitado, para Fiorin (2005), a figura faz referência a algo existente no mundo real e o tema é um investimento semântico, um não se opõe absolutamente ao outro, mas partem de forma progressiva do abstrato para o concreto. Assim, nesta esfera da realidade, a figura que chama atenção no romance é a do português Manuel Valadares, visto que o tema da amizade (revelado no mundo humano) se concretiza principalmente na figura dele.

Isso se dá porque é notável a intensidade do vínculo estabelecido entre Zezé e o português mais do que com qualquer outro personagem, a ponto de o menino declarar: “Eu nunca mais quero sair de perto de você, sabe? Porque você é a melhor pessoa do mundo. Ninguém judia de mim quando estou perto de você e sinto um ‘sol de felicidade dentro do meu coração’”. (VASCONCELOS, 2012, p. 126)

A metaforização do sentimento que a criança sente quando está perto de seu amigo evidencia o vigor do elo entre eles. Ricoeur (1995) explica que a retórica clássica compreendia a metáfora apenas como substituição de uma palavra por outra, contudo, a metáfora extrai uma verdadeira criação de sentido, é uma inovação semântica. Dessa forma, uma metáfora não é simplesmente um ornamento do discurso, pois mostra algo novo a respeito da realidade. No trecho citado, “um sol de felicidade” não é apenas um adereço no discurso de Zezé e possui mais que um valor emotivo, nos oferecendo uma nova informação: ele não se vê longe de seu novo amigo.

Em “Os quatro amores”, Lewis (2009) define a amizade como o menos necessário dos amores, o menos instintivo e orgânico. Para ele, não há nada de visceral, que nos faça empalidecer ou enrubescer, mas “se dá essencialmente entre indivíduos: no momento em que dois homens se tornam amigos, de certo modo eles se afastam da multidão” (LEWIS, 2009, p. 83).

Na esteira de Boff (2014), esse afastar-se da multidão significa uma aventura abraâmica: “a de deixar a sua própria realidade e ir ao encontro do diferente e estabelecer uma relação de aliança, de amizade e de amor com ele”. No fragmento abaixo, este encontro fica ainda mais claro:

Junto à Confeitaria, defronte à Estação, estava o carrão lindo parado. Nasceu o primeiro raio de sol de alegria. Meu coração se adiantou na frente cavalgando a minha saudade. Ia ver o meu amigo mesmo [...] procurei entre as mesas da Confeitaria e lá estava ele. Na última mesa para poder ver quando os fregueses chegavam. Estava de costas, sem paletó e com o lindo colete de xadrezinho, deixando escapar as mangas alvas da camisa limpa. Foi me dando uma fraqueza tão grande que mal eu consegui chegar perto de suas costas. Quem deu o alarme foi seu Ladislau.

— Espia, Portuga, quem está aí.

Ele virou-se devagar e abriu o rosto num sorriso de felicidade. Abriu os braços e me apertou demoradamente.

— Meu coração estava me dizendo que tu virias hoje. (VASCONCELOS, 2012, p. p.141)

Mais uma vez observamos a figura do sol como metáfora de alegria, felicidade. O coração já não bate, mas cavalga por causa da saudade. Novamente, a metaforização não se reduz a simples enfeite do discurso, mas nos traz algo novo, reitera o deleite e mostra as consequências do afastamento mesmo que temporário.

A conexão expressa na fala de Manuel Valadares convoca a supracitada aventura abraâmica que é ir ao encontro do diferente e fazer uma aliança, no caso de Abraão, o pacto foi estabelecido com um ser transcendente, o próprio Deus (conforme consta no capítulo 15 do livro de Gênesis) (BÍBLIA, 1995, p.16). No âmbito de relacionamento entre homens, ainda considerando a narrativa bíblica, duas figuras são conhecidas por fazerem uma aliança de amizade no contexto veterotestamentário: Davi e Jônatas. O capítulo 18 do primeiro livro de Samuel relata a amizade deles da seguinte forma: “E Jônatas e Davi fizeram uma aliança; porque Jônatas o amava como à sua própria alma” (BÍBLIA, 1995, p. 316).

A amizade de Zezé e o Portuga se revela uma aliança, o coração sente a vinda do outro. Esta relação de irmandade é resultado de um amor que funda um novo sentido de viver, amar o outro é dar-lhe razão de existir (BOFF, 2014). Para além dessa irmandade, há ainda o sentimento de paternidade expresso em um trecho que destacamos:

- Eu estive pensando seriamente. Você só tem aquela filha do Encantado, não é? — É.
- Você mora sozinho naquela casa com as duas gaiolas de passarinho, não é? — É.
- Você disse que não tem netos, não é? — É.
- E você disse que gosta de mim, não é? — É.
- Então porque você não vai lá em casa e não pede para Papai me dar para você? Ele ficou tão emocionado que se sentou e me segurou o rosto com as duas mãos.
- Tu gostarias de ser meu filhinho?
- A gente não pode escolher o pai antes de nascer. Mas se pudesse eu queria você. (VASCONCELOS, 2012, p.154)

Podemos considerar o elo entre o menino e o português como inesperado, pelo fato de que inicialmente ele leva uma surra por causa de sua tentativa de morcegar o carro do portuga. Apesar de se declarar como “inimigo” de Manuel Valadares por ter apanhado, as surras que o personagem leva do pai são as mais marcantes. Nesse sentido, o portuga não se relaciona à figura paterna por causa da punição com a surra, mas por ser um arquétipo de pai que Zezé não encontra em sua casa: um pai atencioso, carinhoso e amigo.

Esta figura paterna representada pelo português suscita um sentimento que o torna ainda mais importante. Como coloca Boff (2014), amar o outro é querer que ele exista porque o amor torna o outro importante, é dizer-lhe que ele não poderá morrer, que não pode ir embora. Relacionado a isso, algo pertinente e que é marcante na obra é a interrupção repentina da relação entre os amigos: “Meu pai morreu, o Mangaratiba matou ele”, “não havia mais ninguém na vida” (VASCONCELOS, 2012, p. 167), pensa o personagem sobre a morte do português. O trem que atropela o portuga figura a morte precoce que Zezé não esperava, ele não poderia ir.

Portanto, percebemos na figura do português Manuel Valadares uma representação máxima do tema da amizade na esfera humana, que é comprovada pelas atitudes dos personagens enquanto estão juntos e pelas consequências que a separação traz para a criança, levando-a a um estado de tristeza profunda antes não visto ao longo da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o percurso abordado, os trechos analisados mostram que a obra literária não é apenas a reprodução da realidade, pois um discurso sempre convoca outros discursos, o que aponta para um complexo dialógico de várias vozes. Nesse sentido,

percebemos o caráter dialógico e pluridiscursivo do texto literário, além de ver a obra literária como resultado de um trabalho que organiza a linguagem.

Nestes termos, fica claro que o sentido do texto não se limita ao sentido da soma de palavras ou dos enunciados que o formam, mas vem da união de elementos que o compõe, ressaltando a importância do estudo à luz de teorias semântico-discursivas. Sob este respaldo, é possível compreender os percursos figurativos e temáticos que materializam o esquema narrativo abstrato.

Confirmando a hipótese deste estudo, é possível constatar que a temática da amizade, recorrente na obra, é figurativizada por representantes provenientes da imaginação criadora, sendo o pé de laranja lima o principal deles. A figura de Minguinho faz parte de um percurso figurativo do tema da amizade e está no cerne da obra no âmbito da imaginação.

Respectivamente, constata-se que há figuras textuais que remetem a realidade e fazem referência à mesma temática. Neste contexto, a figura central é a do Português Manuel Valadares, tendo em vista a relação estabelecida entre ele e Zezé. Dessa forma, a amizade como tema, transita entre natureza e racionalidade, se revela nas coisas e no homem.

Por fim, a exploração deste objeto de análise proporciona uma melhor compreensão da obra de José Mauro de Vasconcelos no ambiente acadêmico, rompendo uma certa ausência de trabalhos e aproximando de maneira positiva teorias semântico-discursivas e a compreensão do texto literário.

SISTER NATURE AND BROTHER HUMAN: IMAGINATION AND REALITY IN CHARACTERS OF THE BOOK “O MEU PÉ DE LARANJA LIMA”

ABSTRACT:

This research aims to analyze how the friendship between the major character of the children's and teenage romance "O meu pé de Laranja Lima" and two other prominent characters. Specifically, we analyze one character that represents the sphere of imagination and another one that constitutes the reality. Within this investigation scope, this given study generally intends to explore the composition of the main character's discourse when establishing a friendship with a sweet orange tree and a Portuguese person that used to be an enemy. Strictly, it's aimed to investigate the text using discursive semantics fields (FIORIN, 2005), empathizing the inspection of the figurative processes and set of themes existing on the book. To support this proposal, this paper analyses contribution from authors such as Ricoeur (2013) and Maingueneau (1997), with the objective of considering some theoretical notions about interpretations that are related to interdiscourse from Bakhtin ([1929] 2010) and Fiorin (2005) concerning discursive semantics. This is a bibliographical research and the analysis of

the corpus exposes the figurativization that culminates on the theme of friendships, that is viewed on the imaginative range (as in creative and eco-social) and the human (as in sense of reality and fraternity). In general, we can affirm that there is a figurative path that points to a friendship theme, and this path has two main characters: a sweet lime tree and a man.

Keywords: Characters, discursive semantics, imagination, reality.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M (V.N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 114-132.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. 316 p.

BOFF, Leonardo. **Cuidar da Mãe Terra e amar todos os seres**. 2014. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/03/30/cuidar-da-mae-terra-e-amar-todos-os-seres/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis. O protótipo ocidental da razão cordial e emocional**. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/547571-francisco-de-assis-o-prototipo-ocidental-da-razao-cordial-e-emocional-entrevista-especial-com-leonardo-boff>>. Acesso em: 27 set. 2018.

BOFF, Leonardo. **O grito da Terra**. 2015. Disponível em: <<https://jornalgn.com.br/noticia/o-grito-da-terra-por-leonardo-boff>>. Acesso em: 25 set. 2018.

BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

DI FANTI, M.G.C. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Veredas, Revista de Estudos Linguísticos, vol.7, n.1 e 2, p. 95-111. Juiz de Fora, UFJF, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, José L. **Organização Linguística do Discurso: Enunciação e comunicação**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005

LEWIS, C. S., **Os quatro amores**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes/ ED. DA UNESP, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PIORSKI, Gandhy. **A função primordial da criança é criar e explorar, diz pesquisador de brinquedos**. 2016. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2016/11/01/%E2%80%98Afun%C3%A7%C3%A3o-primordial-da-crian%C3%A7a-%C3%A9-criar-e-explorar%E2%80%99-diz-pesquisador-de-brinquedos>>. Acesso em: 30 out. 2018.

RICOEUR, Paul. **Do Texto à Ação**. Porto: RÉS-EDITORIA, 1989.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora, 1995

SANTOS, Katrym Aline Bordinhão dos; FERREIRA, Dábila Vitor. **O romance autobiográfico em meu pé de laranja lima**. Travessias, vol. 10, n. 2, 24 ed., 2015.

SANTOS, Ilka Schapper. A imaginação e o desenvolvimento infantil. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p.157-169, set 2008/ fev 2009.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adriana. P.P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013, p.45-69.

VASCONCELOS, Gregório Pereira de. **Signo Ideológico, Subjetividade e Discurso de Outrem: Um Estudo Sobre a Teoria Enunciativa de Bakhtin e o Círculo Macabéa** – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 50-66.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O Meu pé de Laranja Lima**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.